



## O AUTISTA NA CONVIVÊNCIA DO ESPAÇO ESCOLAR

Autora: Aureliana da Silva Tavares;  
Co-autora: Suely Aragão Azevêdo Viana

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Janine Marta Rodrigues Coelho  
*Universidade Federal da Paraíba- UFPB*  
[tavares.aureliana@gmail.com](mailto:tavares.aureliana@gmail.com)

### Resumo:

Para melhor entender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e relacioná-la com as dificuldades enfrentadas pelos professores em uma sala de aula inclusiva, buscou desenvolver um estudo histórico analítico a respeito do tema. É notório perceber que muitos profissionais da educação não sabem se relacionar com pessoas autistas. O tema é pouco difundido pelos profissionais e muitos não sabem como se relacionar e desenvolver uma educação de qualidade favorecendo a interação na sala de aula como um todo. Suas características peculiares de restrição no que diz respeito às relações interpessoais, dificultam mais ainda o trabalho do docente em sala de aula levando a não saber como lidar com tais situações. Deparando com tais fatos a pesquisa relatará alguns estudos realizados sobre o autismo favorecendo conhecimentos que auxiliará no entendimento e no respeito a pessoas autistas. As informações apresentadas ao longo da pesquisa ajudarão não só o pedagogo na sala de aula, mas também os familiares a entenderem um pouco mais sobre esta síndrome e como se relacionar com pessoas autistas. Perceber que através da explanação do conteúdo sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) realizado nesta pesquisa ficará mais fácil de tentar evoluir este quadro de aversão ao autista e buscar uma inclusão dessas crianças não só nas escolas, mas também na sociedade, favorecendo assim uma sociedade mais justa e menos excludente.

Palavras-chave: Autista, Educadores, Família.

### INTRODUÇÃO

Para que possa desenvolver uma educação de qualidade, dentro do âmbito educacional com crianças autistas, é de fundamental importância que primeiramente tenham um breve conhecimento sobre o assunto e possam identificar suas características obtendo assim suportes teóricos/metodológicos necessários para a construção do processo ensino-aprendizado como um todo.



É notório perceber que muitos profissionais da educação não sabem se relacionar com pessoas autistas. O tema é pouco difundido pelos profissionais e muitos não sabem como se relacionar e desenvolver uma educação de qualidade favorecendo a interação na sala de aula como um todo.

Suas características peculiares de restrição no que diz respeito às relações interpessoais, dificultam mais ainda o trabalho do docente em sala de aula levando a não saber como lidar com tais situações.

O educador precisa estar aberto ao novo e favorecer um espaço de respeito e aceitação do autista com os alunos na sala de aula. A realização de atividades que envolva a participação de todos é algo que acontece em longo prazo e de forma diversificada, com características próprias de cada pessoa.

O desenvolvimento deste raciocínio da aprendizagem segue com base nos quatro pilares da educação apresentado por Jacques Delors: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser.

Os quatro pilares da educação decorre num espaço da aprendizagem que traz em suas premissas o interesse ao aprender, ao novo, que desperte a curiosidade de forma prazerosa e nunca imposta. O aprender a fazer é o começar a andar com suas próprias pernas, mesmo com suaves tombos, se reerguendo sem medo de correr riscos. É busca pelo acertar mesmo correndo risco de errar. O momento de aprender a conviver precisa de um amadurecimento do ser, do compartilhar, do saber da importância de aprender em contato com o outro, que crescerão socialmente, intelectualmente, psicologicamente dentro de um meio que fazem parte. Aprenderão a ser quando aprenderem a conviver em sociedade como um todo.

É no ensinar criticamente, é no conviver com base em um diálogo horizontal, construtivo, aberto à participação de todos, que poderão encontrar uma saída para o florescimento de uma educação crítica, questionadora, com sua própria forma de pensar, agir, relacionar, lutar por seus sonhos, seus valores, por uma educação inclusiva.

Desenvolvendo um trabalho pedagógico dentro de tais perspectivas torna-se mais fácil construir um elo de segurança entre o educador e o aluno autista, porque o educador tendo o conhecimento de suas limitações procurará desenvolver atividades escolares que favorecerá sua superação e interação na sua práxis escolar.



## METODOLOGIA

Para melhor entender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e relacioná-la com as dificuldades enfrentadas pelos professores em uma sala de aula inclusiva, buscou desenvolver um estudo histórico analítico a respeito do tema.

Tais estudos analisa desde 1906 quando começaram a surgir pesquisas sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) até os dias atuais. Durante as décadas que se seguiram o autista era diagnosticado como Demência Precoce, Esquizofrenia Infantil, Psicose Simbólica, Desenvolvimento Atípico do Ego e um dos mais importantes nomes que recebeu foi a Síndrome de Kenner em homenagem ao psiquiatra Leo Kenner que desenvolveu desde 1943 grandes estudos nesta área e até hoje é lembrado.

Estas terminologias aconteciam frente à dificuldade que muitos estudiosos sentiam ao diagnosticá-los. Pois Gauderer (1993, p.20) entre muitos, alegavam que

o autismo é uma síndrome das mais difíceis de compreender devido ao seu aspecto variável de gravidade, mudança periódica de sintomas, confusão, inconsistência na nosologia (ciência que classifica as doenças) e falta de sinais físicos específicos.

Desta forma, para se obter um resultado seguro segundo um modelo clássico de diagnosticar um indivíduo com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), seria necessário, primordialmente, conhecer as características, depois seus processos patológicos através dos sintomas apresentado pelo paciente. Em seguida, analisar adentramente os fatores etiológicos e só depois através de métodos de educação, desenvolver terapias racionais capaz de combater tais características apresentadas durante o estudo de caso.

Para isso é preciso que o médico siga uma lista de checagem, onde se observa:

- Dificuldade em ajustar-se com outras pessoas;
- Insistência com gestos idênticos



- Resistência a mudar a rotina
- Risos e sorrisos inapropriados
- Não temer perigo
- Pequenas respostas aos métodos normais de ensino
- Aparente insensibilidade a dor
- Ecolalia (repetição de palavras ou frases)
- Preferência por está só
- Conduta reservada
- Pode não querer abraços de carinho ou pode aconchegar-se carinhosamente
- Faz girar objetos
- Hiper ou hipo atividade física

Vale salientar, que os diagnósticos deste caso sempre são realizados com um grupo de profissionais especializados, pois são observados diversos angulos que o levam a ser denominado autista.

O autista passa por um médico neuropediatra ou por um psiquiatra especializado, que é feito através de observações, já que o autista prefere está só, não forma relações pessoais íntimas, não abraçam, evitam contato de olho, resistem a mudanças, é excessivamente preso a objetos familiares e repetem continuamente certos atos e rituais, podendo vir a começar a falar depois de outras crianças de mesma idade, pode usar o idioma de um modo estranho, ou pode não conseguir por não conseguir ou não querer falar nada.

Uma das suas características mais marcantes e que as distinguem de outras patologias seria a dificuldade ou inabilidade dessas pessoas em seus relacionamentos interpessoais até mesmo com seus pais.

Geralmente, pessoas autistas apresentam uma característica bastante peculiar, a de não estabelecer reações “normais” com as pessoas demonstrando uma incapacidade, ou seja, dificuldade de relacionar.

Deparando com diversos estudos percebe-se que muitos sentem até dificuldade de conceituar o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas segundo Gauderer (1993, p.03) alega que



O autismo é uma inadequidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre dez mil nascidos e é quatro vezes comum entre meninos que meninas.

Este conceito pode variar de estudo para estudo, pois é um transtorno que apresenta características variantes e pode sofrer algumas alterações nos seus conceitos.

A primeira instituição de autistas foi criada com muito esforço na Inglaterra em 1962, por iniciativa de familiares autistas e profissionais da área que afluíram debates sobre o assunto, criando assim, ao longo do tempo demandas de investigação sobre a questão da relação autismo e outros transtornos do desenvolvimento em especial o da deficiência mental e os problemas de linguagem e comunicação.

## **RESULTADO**

Analisando os estudos desenvolvidos nesta área do saber ainda hoje são raras as ofertas de atendimento especializado, pois alegam que se comparada à síndrome do autismo com a de Down, por exemplo, conclui-se que os transtornos dos autistas são relativamente raros na população geral. Existem algumas estimativas na contagem dos autistas no Brasil, chegando a 600 mil pessoas afetadas pela síndrome segundo a Associação Brasileira de Autismo em 1997.

Nos estudos realizados por autores como Leo Kenner e Rutter, foram elencadas algumas das características de uma pessoa com a síndrome autista.

Kanner (1943), em sua primeira descrição mencionou as seguintes características:

- Dificuldade para relacionar-se com pessoas, mesmo as de sua própria família, desde o início da vida;
- Falha no desenvolvimento da linguagem ou uso anormal e em grande parte não-comunicativo da linguagem, naqueles que falam;
- Inversão pronominal observada em todas as crianças que falam e ecolalia;
- Questionamento obsessivo e uso ritualístico da linguagem;



- Respostas anormais a eventos e objetos do ambiente como comida, ruídos intensos e objetos com movimento.
- Bom potencial intelectual com memória imediata excelente e desempenho normal no teste de pranchas de seguin;
- Desenvolvimento físico normal, muitas crianças eram desajeitadas, mas tinham boa coordenação motora fina;

Já nos estudos realizado por Rutter (1981) propõe que sejam acrescentados quatro critérios essenciais nas características do autista como

- Surgimento antes dos 30 meses;
- Desenvolvimento social prejudicado com uma série de características especiais e que não correspondem ao nível de inteligência da criança;
- Desenvolvimento de linguagem retardado e desviante, também com uma série de traços característico e que não correspondem ao nível intelectual;
- Insistência na manutenção da mesmice, demonstrada por padrões estereotipados de jogo, preocupações anormais ou resistência a mudanças;

Através dessa análise, metaforicamente, os autistas são chamados por alguns autores de “fortaleza vazia”, “tomadas”, “conchas”, “ovo”, “buraco negro”, “carapaças”, cujo mundo psíquico é apresentado como desvitalizado e despovoado.

Segundo Cavalcanti E Rocha (2001, p.12), essas metáforas são terríveis, pois circunscreve o imaginário teórico e clínico e que acompanham tanto os familiares quanto aqueles que trabalham com essas crianças.

O que se percebe é que descritas desse modo às crianças denominadas autistas inquietam e fascinam. Aparentemente não se consegue ficar diferente diante delas. O distanciamento, o jeito imaginário, o fascínios pelos movimentos circulares, os olhares fixos em um horizonte invisível que costumam apresentar, parecem justificar, para alguns autores, a crença de que estas crianças estão na fronteira da humanidade.

Hoje, o autismo é um objeto privilegiado de estudo para os psicanalistas contemporâneos. A definição pelo déficit, pela ausência de desejo, de fantasia, de relação com o



mundo e com a vida, quase como vem ser sem subjetividade ou pelo menos sem semelhança de subjetividade que permita um mínimo de positividade. Mas para Bleuler (2001, p.44)

eles vivem num mundo imaginário, feito de todo tipo de realizações, de desejos e de idéias persecutórias. Mas esses dois mundos são realidades para eles: às vezes podem, de maneira inconsciente, distingui entre os dois, Em certos casos o universo autístico parece-lhes mais real, o outro é um mundo de aparência.

Alguns autores no passado, vinte ou trinta anos atrás, levantaram a hipótese de que o autismo seria causado de alguma maneira, pelo relacionamento problemático mãe e filho. Isso porque acreditavam na possibilidade do autismo ser gerado por mães inconsciente ou inconscientemente rejeitavam seu filho, ou o tornavam objeto de hostilidade. Estudos também postularam que os pais estariam paralisados, incapazes de lidar com seu filho e com isso gerando uma psicose.

O próprio Leo Kenner, em alguns de seus estudos traçou para os pais um perfil de “mães emocionalmente frias” e de “pais intelectuais” que investigam mais na observação do seu bebê do que no contato com ele. Hoje se evidencia que pais de autistas, em geral, não são diferentes emocionalmente dos que filhos normais ou neurológicos.

Com o avanço das pesquisas descobre-se que o autismo não tem cura, diferentes foi o empenho e entusiasmo por este ou aquele método levando a resultados conflitantes e a não supremacia de uma abordagem terapêutica.

Vários foram os métodos utilizados para tal: psicoterapia individual, psicanálise, terapia familiar, modificação de comportamento, terapia da palavra, educação especial, tratamentos residenciais, tratamento medicamentosos, estimulação sensorial, isolamento sensorial até porções caseiras, rezas, promessas e outras crendices populares.

Mas como o autista pode variar muito na sua capacidade intelectual, compreensão e uso de linguagem, estágio de desenvolvimento, idade na época do tratamento, nível de desenvolvimento e personalidade, grau de gravidade da doença, clima e estrutura familiar, qualquer método usado pode funcionar para uma criança e não para outra.



Assim, buscou-se uma abordagem de flexibilidade e ecletismo, uma adaptação de métodos diversos a fases e problemas diferentes. Os pais e as crianças se beneficiaram acima de tudo de um plano em longo prazo com uma orientação clara e específica, que também leve em consideração mudanças evolutiva e regressões espontâneas. Essas oscilações devem ser reconhecidas para não serem confundidas com progressos ou falhas de um plano terapêutico. Sobretudo, é importante que o plano seja realista.

O aconselhamento dos pais é eficiente quando visa a lidar com as dificuldades decorrentes de cuidar dos autistas e quando objetiva avaliar a sensação de culpa e perda de auto-estima que os pais e responsáveis desenvolvem. Eles devem receber ajuda apropriada, pois se orientados construtivamente, tornar-se-ão o grande trunfo no tratamento e em uma melhor convivência com o autista.

No que diz respeito à escolarização do autista, pode ser em escolas comuns ou especializadas, clínicas ou centros residenciais. A participação dos pais é benéfica, ainda que não traga resultados diretos para os filhos, pois sentem que estão colaborando, o que lhes dá apoio, diminui ansiedade, traz conforto e alívio psicológico. Assim, segundo Gauderer (1993, p.47) *a educação especial, não pode ser dissociada da socialização. Melhorar o contato com outras crianças da mesma escola e com os professores é importante. Mas, é importante que na escola ele tenha uma rotina estruturada, que faz com que ele se sinta no tempo e no espaço, o professor deve fazer parte dessa rotina.*

A valorização dos elementos da natureza como o sol, a chuva, as árvores estimulam o autista a ter um contato e a percepção do seu meio. A utilização de música, as preferências são sempre pelas infantis, a canção deve estar sempre de acordo com o momento específico tais como; chegada, hora do lanche, hora da higiene cuja criança possa relacionar a música com a atividade em andamento.

Além das técnicas, a rotina diária é muito importante na educação do autista o qual não deve ser alterada, qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança. Deve ser valorizado cada momento da criança, assim o professor faz com que o aluno sinta liberdade de expressar-se.

Acredita-se que amor, paciência e perseverança é o caminho para todos que o rodeiam, vivendo assim em harmonia e tendo um bom relacionamento com o autista.





## CONCLUSÃO

O conteúdo deste trabalho buscou refletir sobre as dificuldades não só do educador ao se relacionar com um autista em sala de aula, mas também da família e de todos.

Perceber que através da explanação do conteúdo sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) realizado nesta pesquisa ficará mais fácil de tentar evoluir este quadro de aversão ao autista e buscar uma inclusão dessas crianças não só nas escolas, mas também na sociedade, favorecendo assim uma sociedade mais justa e menos excludente.

Através dos estudos realizados nesta pesquisa percebe-se que alguns passos importantes foram realizados visando à inclusão de nossas crianças com autismo na sociedade, nas escolas convencionais, mas que ainda falta muito trabalho para esta concretização.

Lutar pela realização da importância deste processo de inclusão requer muito estudo e reflexão de sua prática. Uma melhor formação de nossos educadores é de essencial importância para que, conscientemente, consiga exercer seu trabalho com sucesso e segurança.

Entretanto, pode-se afirmar que, se cada educador buscar aprofundar um pouco mais sobre sua prática, realizando um trabalho com amor e responsabilidade conseguirá momentaneamente por em prática a inclusão das crianças autistas excluídas pela sociedade.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Cláudio Roberto. ROSA, Cleonice. Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção. Artmed. 2007.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth. ROCHA, Paulina Schmidtbauer. Autismo: construção e desconstruções. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001 (coleção psicanalítica)

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Autismo Infantil: repensando o enfoque fonoaudiológico, aspectos funcionais da comunicação. Lovise. 1996.



\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GAUDERER, E. Chistian. Autismo. Ateneu. 1993. 3ª Edição.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho (org.). Formação docente: contribuições do ideário de Paulo Freire. João Pessoa: Sal e Terra, 2006.

<http://dislexia.do.sapo.pt/autismo.html> em 02/05/2009.

<http://www.psicosite.com.br/tra/inf/autismo.htm> em 02/05/2009.



